

Dispositivos de saúde e estética na construção da “mulher ideal”: um estudo sobre a abordagem de procedimentos estéticos na e pela mídia¹

Amanda Tavares de Melo DINIZ²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O artigo investiga a constituição de representações sobre as mulheres na e pela mídia, a partir do estudo de narrativas midiáticas sobre procedimentos estéticos. A fundamentação teórica é composta pelas ideias de Foucault (2018a; 2018b) sobre os conceitos de dispositivo, de biopoder e de tecnologias do sexo, de Haraway (1985) sobre o mito do ciborgue e de Butler (2019a; 2019b) sobre a performatividade e o relato de si mesmo. Como resultados, observamos que os dispositivos de saúde e estética funcionam como uma metáfora de uma sociedade extremamente competitiva que estabelece elevados padrões estéticos e de saúde para regular a aparência, os corpos e os comportamentos das mulheres, disciplinando-as e criando zonas de pertencimento ou de exclusão em relação a esses modelos.

Palavras-chave: estudos de gênero e sexualidade; biopolítica; performatividade; mídia; saúde e estética.

Introdução

Em julho de 2018, a bancária Lilian Calixto informava à família que sairia de sua casa em Cuiabá para uma clínica no Rio de Janeiro para fazer um procedimento estético que duraria cerca de 1h30 e permitiria que ela voltasse à sua cidade natal no mesmo dia. Segundo os relatos dos familiares de Lilian à BBC Brasil³, somente no dia seguinte, após receber a notícia do falecimento da bancária, a família soube que Lilian também havia se submetido à aplicação de polimetilmetacrilato (PMMA) para preenchimento dos glúteos, o que provocou as complicações que levaram à sua morte.

O polimetilmetacrilato, alternativamente chamado de metacril, teve seu uso autorizado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) em 2009 apenas para alguns casos específicos, como, por exemplo, para corrigir deformações faciais e corporais em pacientes que vivem com o HIV. Sua utilização, no entanto, não deve ser

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorado em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: amandatdemelo@gmail.com.

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44870203>

feita em grandes quantidades nem em intervenções de cunho estético, conforme estabelecem os pareceres da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD) e do Conselho Federal de Medicina de São Paulo (Cremesp), as principais entidades representativas do segmento de procedimentos cosméticos e reparadores no país⁴.

Além das sequelas estéticas que podem advir do uso indevido do polimetilmetacrilato⁵, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica também destaca a grande dificuldade de remover a substância do corpo dos pacientes, pois “o material é permanente, ou seja, não é absorvido pelo corpo, e pode causar deformações, inflamações, necrose e até a morte” (FOLHA DE S. PAULO, 2018, s/p⁶). No caso de Lilian, a suspeita dos médicos é de que ela tenha recebido uma dose excessiva do PMMA, ocasionando a embolia pulmonar que a levou a óbito.

Apesar dos diversos posicionamentos dos especialistas contra a utilização do metacril, essa não é a primeira vez que casos de complicações e/ou de mortes em decorrência do uso da substância estampam as páginas dos jornais brasileiros⁷. Não é a primeira vez, também, que narrativas jornalísticas colocam o tema das intervenções corporais de motivação estética na sua agenda, como se pode perceber na tese de Doutorado de Érico Pampado Di Santis, defendida na Escola Paulista de Medicina (EPM/Unifesp) em 2017. O estudo analisou 102 casos noticiados pela mídia brasileira entre janeiro de 1987 e setembro de 2015 que tinham como tema central cirurgias de lipoaspiração que acarretaram a morte dos pacientes.

Dentre as conclusões da pesquisa, uma se revela especialmente relevante para este artigo: o fato de 98% das vítimas das lipoaspirações analisadas serem mulheres, o que evidencia um recorte de gênero importante em termos da procura e da vitimização por procedimentos estéticos no Brasil contemporâneo. Esse fenômeno parece estar relacionado ao que Naomi Wolf (2010, posição 176, Kindle Edition) denominou “o mito da beleza”, que se trata de “uma violenta reação contra o feminismo que usa

⁴ Disponível em: <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Noticias&id=5174>

⁵ Segundo o censo bianual da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, somente em 2016 foram realizadas 4.432 cirurgias plásticas para a correção de defeitos causados pela aplicação irregular do metacril: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/wp-content/uploads/2017/12/CENSO-2017.pdf>

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2018/07/barato-e-com-ma-fama-pmma-nao-deveria-ser-usado-para-fins-esteticos.shtml>

⁷ Alguns exemplos podem ser encontrados nas seguintes matérias: <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-revela-que-17-mil-pessoas-tiveram-sequelas-apos-uso-do-metacril,10000095386>; <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2015/03/1596739-andressa-urach-ficara-cerca-de-dois-anos-com-bumbum-assimetrico-diz-medico.shtml>.

imagens da beleza feminina como uma arma política contra os avanços das mulheres”. Para a autora, quanto mais as mulheres ampliam seus direitos sociais e reprodutivos, se tornam mais escolarizadas e alcançam posições de chefia no mercado de trabalho, mais cruel e coercitivo se torna o imaginário em torno da beleza feminina, um movimento que tem nas instituições midiáticas, na indústria da propaganda e nas redes sociais digitais aliados extremamente populares e eficientes (Wolf, 2010).

Articulando esses dois pontos – a assimetria entre mulheres e homens no que diz respeito à quantidade de procedimentos estéticos realizados e a glamourização, potencializada pelas redes sociais, do corpo perfeito –, podemos pensar que eles consubstanciam “sintomas” representativos do nosso tempo, em que intervenções estéticas, superexposição do corpo e narrativas que endossam ideais de beleza e felicidade compulsórias disputam espaço na mídia com relatos de mortes, doenças e outras catástrofes e com notícias sobre o aumento dos casos de depressão, ansiedade e outros transtornos relacionados à saúde mental dos indivíduos.

Esse quadro também é impulsionado por uma elevação da ciência e da tecnologia ao status de mola mestra da humanidade encampada por uma indústria multibilionária e supranacional que envolve cosméticos, alimentos dietéticos, clínicas de estética e bem-estar, academias de ginástica e um conjunto de valores alicerçados em padrões estéticos e indicadores físicos extremamente elevados, que circulam de forma rápida, intensa e pervasiva em todo o mundo (Wolf, 2010).

Entretanto, apesar de alcançarem uma escala global, esses modelos de beleza – e as regulações que eles engendram – não são endereçados a todos os indivíduos e grupos sociais da mesma maneira, sendo orientados por arranjos sociais, enquadramentos midiáticos e valores socioculturais que variam entre si. Partindo desse pressuposto e retomando uma das conclusões da tese de Di Santis (2017) mencionada acima, sustentamos a hipótese de que *as mulheres aparecem como um dos alvos preferenciais dos dispositivos de saúde e estética*, atuando tanto como objeto desses dispositivos quanto sendo por eles constituídas, pois, como afirma Foucault (2018b), algumas tecnologias do poder *fabricam os sujeitos* que são por elas atravessados, influenciando seus modos de ser, estar e agir no mundo. Foucault entende o dispositivo como

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais,

filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2018b, p. 364).

Com base nesses delineamentos iniciais, nós nos perguntamos: de que maneiras os dispositivos da saúde e da estética e as práticas a eles atreladas agem especificamente sobre o corpo e a saúde das mulheres, que, a nosso ver, se apresentam como um de seus eixos principais de ação? Como a realidade da busca pela saúde e pelo corpo perfeito no Brasil, país que ocupa a segunda posição no ranking mundial de intervenções estéticas⁸, dialoga com esses discursos e com as regulações que eles exercem?

A feminilidade na era da técnica: biopoder e tecnologias do sexo na construção da “mulher ideal”

De acordo com Foucault (2018a), a partir do século XVII, o poder de morte que o soberano detinha sobre os seus subordinados, podendo decidir se esses viveriam ou morreriam após cometerem uma infração ou desobedecerem às suas ordens, se converte em um *poder sobre a vida dos sujeitos*, o biopoder, que passou a ser exercido a partir de duas tecnologias que não são opostas, mas complementares, e estão conectadas por um feixe intermediário de relações: o poder disciplinar e a biopolítica (Foucault, 2018a).

O primeiro “centrou-se no *corpo como máquina*: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos” (FOUCAULT, 2018a, p. 150, grifo nosso). O poder disciplinar mobiliza as disciplinas como dispositivo principal de gerenciamento e de *fabricação* de corpos individuais por meio de técnicas como a organização do espaço, a gestão do tempo, a vigilância permanente e a produção constante de um saber que aprimora o exercício do poder sobre o sujeito (Foucault, 2018a). Já o segundo bloco de tecnologias de poder sobre vida apareceu um pouco mais tarde, em meados do século XVIII, e

centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante

⁸ Dado oriundo de um levantamento realizado em 2016 pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) que reuniu 1398 relatos de cirurgias plásticas mundo afora. O relatório da pesquisa pode ser acessado aqui: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2017/10/2016-ISAPS-Results-1.pdf>

toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma biopolítica da população* (FOUCAULT, 2018a, p. 150, grifos do autor).

Mais adiante, o pesquisador explica que o biopoder desempenhou um papel fundamental na *valorização do corpo vivo* que teve lugar com a consolidação do capitalismo como um sistema econômico que requeria a reprodução da força de trabalho em larga escala e o aperfeiçoamento dos corpos que atuavam nas linhas de produção. Seguindo essa linha de raciocínio, Foucault chama a atenção para a importância que a *sexualidade* assume como um dispositivo de poder

que se encontra na articulação entre os dois eixos ao longo dos quais se desenvolveu toda a tecnologia política da vida. De um lado, [a sexualidade] faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição de forças, ajustamento e economia das energias. De outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz (FOUCAULT, 2018a, p. 157).

É justamente sobre essa dupla atuação da sexualidade “como matriz das disciplinas e como princípio das regulações” (FOUCAULT, 2018a, p. 158) que incidem as *tecnologias do sexo*, responsáveis por promover uma acentuação discursiva da sexualidade nos últimos três séculos. Para Foucault (2018a), as tecnologias do sexo intensificaram a circulação de discursos e de práticas que *produzem* as sexualidades dos indivíduos, estabelecendo as bases de seu exercício e os horizontes de inteligibilidade em que certas condutas são consideradas aceitáveis e outras não.

Embora Foucault afirme que essas tecnologias ajam sobre todo o corpo social, ele elege quatro eixos preferenciais dos dispositivos de sexualidade, nos quais eles parecem atuar de forma mais intensa e frequente: a sexualização do corpo das mulheres, a socialização da procriação, a pedagogização da sexualidade infantil e a patologização dos comportamentos sexuais considerados pervertidos (Foucault, 2018a). De acordo com o pesquisador, a histerização do corpo feminino se constituiu como um

tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente carregado de sexualidade; pelo qual este corpo foi integrado, sob efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, por meio de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período de educação). (FOUCAULT, 2018a, p. 113).

Com a repetição contínua desses discursos ao longo do tempo, o corpo das mulheres passa a ser encarado como uma questão pública, um campo de batalha disputado por narrativas médicas, políticas, familiares e estéticas e em torno do qual orbitam os mitos da maternidade, domesticidade e passividade, que Naomi Wolf (2010) nomeia como as “antigas ideologias da feminilidade”, responsáveis por exercer violentas coerções sobre os corpos e as condutas das mulheres.

Essa percepção do corpo e da sexualidade femininos como objeto de atenção coletiva também está na raiz dos discursos que fazem circular padrões estéticos e de saúde que devem ser compulsoriamente seguidos pelas mulheres para se adequarem aos parâmetros da “mulher ideal” como i) alguém sexualmente atraente, ii) detentora de uma excelente saúde física e mental, em contraposição ao estereótipo da mulher histérica, “doente dos nervos” e iii) boa mãe, boa esposa e uma pessoa que detém um relacionamento amigável com a comunidade.

Seguindo a lógica proposta por Foucault (2018a) no que se refere à ação das tecnologias do sexo sobre os sujeitos, a “mulher ideal” pode ser entendida como sendo *efeito e instrumento* desses dispositivos ao ter seu corpo e seu comportamento continuamente constituídos por eles, ao mesmo tempo em que sua imagem é utilizada como norma, como modelo a ser seguido. O corpo feminino passar a ser, então, encarado como um objeto de aperfeiçoamento constante, a ser medido e esquadrinhado nos mínimos detalhes para se tornar o mais eficiente e exemplar possível.

Analogamente à análise foucaultiana da articulação entre as ferramentas de trabalho e o corpo humano na fábrica – formando um complexo corpo-instrumento, corpo-arma, corpo-máquina (Foucault, 2018b) –, podemos pensar na aplicação de substâncias, próteses e implantes como uma ação que visa a um aprimoramento físico e estético do indivíduo através da incorporação de artificios tecnológicos ao maquinário corporal, produzindo um *cruzamento entre máquina e organismo*. Isso porque

na utopia do biopoder, que é necessariamente tecnológica, os corpos são necessariamente vistos como artefatos, o que objetiva não mais o real e a natureza, mas uma sobrenatureza; daí que o homem será restaurado na sua perfeição por sua própria mão industrial (SFEZ, 1996, p. 366).

Ancorando essa percepção à realidade dos procedimentos estéticos abordados na Introdução, é interessante notar que os dois tipos de intervenções mais executados no Brasil segundo o Censo 2018 da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica são o

aumento da mama com próteses de silicone (o equivalente a 18,8% das operações estéticas executadas) e, dentre os procedimentos não cirúrgicos, a aplicação da toxina botulínica, presente em 95,7% das intervenções não cirúrgicas realizadas naquele ano⁹.

Reforça esse quadro a já mencionada utilização do PMMA para “lapidar” glúteos e coxas, visando torná-los mais volumosos e delineados, apesar de todas as advertências em sentido contrário. Isso mostra como a implantação dessas substâncias/objetos no organismo humano vem sendo recorrentemente realizada para aperfeiçoar o corpo, conferir-lhe uma sobrenatureza – na qual o “natural” é manipulado e melhorado - e torná-lo mais bonito, mais jovem e mais eficiente, em suma, mais ideal.

Na outra ponta das tecnologias políticas que agem recorrentemente sobre o corpo e a vida das mulheres, sublinhamos a atuação dos dispositivos de saúde e estética em torno de eixos como progeneração, higiene, saúde e sexualidade a partir de um olhar para a espécie humana, para o coletivo. Nesse contexto, a análise minuciosa do corpo das mulheres visa não apenas torná-lo produtivo, dócil e capacitado para suas atividades, mas também o mais saudável e asséptico possível para ser capaz de gerar filhos saudáveis, aumentar sua longevidade e não ser agente de disseminação de doenças para a comunidade. Numa lógica em que o cuidado com a saúde ocupa um lugar de destaque na agenda coletiva, o corpo perfeito, exemplar, não é só bonito e ágil: ele é *visivelmente saudável* e deve comprová-lo empiricamente por meio de exames, sorologias e imagens em alta definição.

Não obstante os usos dessas tecnologias de poder sobre os corpos das mulheres visem, precipuamente, a ampliar o controle sobre elas, Haraway (1985) propõe, por outro lado, uma interessante forma de incorporação das biotecnologias como uma linha de fuga, um mecanismo de resistência contra a exploração das mulheres pela cultura androcêntrica e pelas forças do capital. Para a pesquisadora, o cruzamento entre organismo e máquina, longe de demarcar as diferenças entre eles, pode produzir sujeitos capazes de escapar da lógica binária que fundamenta as opressões históricas existentes nos pares homem/mulher, branco/negro, colonizador/colonizado, natureza/cultura, isto é, as opressões “de todos aqueles que foram constituídos como outros e cuja tarefa consiste em espelhar o eu [dominante]” (HARAWAY, 1985, p. 57).

⁹ Disponível em: http://www2.cirurgiaplastica.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Apresentac%CC%A7a%CC%83o-Censo-2018_V3.pdf

Donna Haraway (1985, p. 03) evoca a figura do ciborgue, “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” para pensar em acoplamentos entre humanidade, tecnologia, natureza e matrizes culturais aparentemente contraditórias com o objetivo de fomentar uma política feminista que extrapole as fronteiras do “humano” enquanto simplesmente um sujeito universal, abstrato, branco e pertencente ao sexo masculino. O mito do ciborgue de Haraway também age como uma chave essencial para embaralhar as fronteiras do próprio sistema sexo/gênero que alimenta as assimetrias históricas entre homens, mulheres e as pessoas não binárias: “um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias” (HARAWAY, 1985, p. 13).

Nesse sentido, o que foi mencionado anteriormente como uma “sobrenatureza” para designar corpos-máquina aprimorados pelas biotecnologias – processo que deve ser analisado por um viés crítico por ser frequentemente orientado por coerções de base estética e política – pode, por outro lado, produzir deslocamentos capazes de desmontar a estrutura de desigualdade e violência simbólica historicamente direcionada aos corpos femininos, aos não binários, aos racializados e aos colonizados.

“À mulher de César não basta ser honesta, ela deve *parecer* honesta¹⁰”: a performatividade e a produção das ficções sociais de gênero

Em *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*, Butler (2019b) discute as relações que travamos ao longo da nossa vida com as normas que criam (e mantêm) o horizonte histórico-social em que nossas subjetividades se constituem, à revelia da nossa vontade e autorização. No livro, a pesquisadora procura compreender como os indivíduos são formados em meio aos quadros de inteligibilidade preexistentes, pois

não existe nenhum ‘eu’ que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum ‘eu’ que não esteja implicado em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm um caráter social que excede um significado puramente pessoal ou idiossincrático (BUTLER, 2019b, p. 18).

Ancorando tal pensamento a esse estudo, entendemos que as regras que estabelecem os padrões estéticos e o imaginário que orbita em torno delas agem sobre

¹⁰ Provérbio romano de autoria desconhecida

nós independentemente da nossa escolha e de maneiras que nem sempre reconhecemos de imediato como opressoras. Os dispositivos de saúde e estética se encaixam nesse paradigma e não apenas instauram normas reguladoras que balizam as condutas dos sujeitos, mas também atuam como um *princípio de distinção*, de separação entre os melhores e os piores, um dispositivo que intensifica a competição entre os indivíduos.

Essa competitividade, tão característica à sociedade turbocapitalista (Sodré, 2018) em que vivemos, está na raiz da supracitada demanda por tornar a saúde e a beleza patentes, inquestionáveis, como se pode ver no texto de apresentação do blog *Meus, lindos e pagos!*, criado por Fran Reis com o objetivo de orientar as mulheres que desejam fazer procedimentos estéticos.

Este Blog é para você que colocou silicone, ficou lindona (sic), mas aquelas ‘amigas’ invejosas insistem em não dar o braço a torcer e dizer que ficou lindo. Você encontra aquela ‘amiga’ e ela fala: ficou bonzinho...aff (sic) Bonzinho???!!! (sic) Se você for chata, suas amigas perdoam. Se você for geniosa, suas amigas perdoam. Se você for egoísta, suas amigas perdoam. Agora, experimenta ser magra, linda e ainda por cima de silicone... (by Fran) P.S. Meus, lindos e pagos! (MEUS, LINDOS E PAGOS, 2020, s/p¹¹).

O relato que Fran Reis faz de si mesma é pertinente para o nosso debate porque expõe a “aura” de competição e superioridade que é construída em torno do corpo perfeito e dos atributos que o qualificam como tal – beleza, magreza e seios grandes, independentemente de serem originais ou “sobrenaturais”, frutos de biotecnologias que remodelam os nossos corpos (Haraway, 1985). O relato também mostra como um novo elemento, o capital, emerge como mais um fator de diferenciação e de estabelecimento de coerções estéticas e comportamentais entre as mulheres. Na corrida pela beleza e pela saúde ganha quem pode pagar por elas ou, melhor ainda, quem pode provar que pagou por elas, como já evocava a própria Fran Reis ao escolher o nome do segundo grupo criado por ela no Facebook depois do *São meus, lindos e pagos!*: *Silicone é pra quem pode!* (MEUS, LINDOS E PAGOS, 2020, s/p¹²).

Dentre as postagens do blog, também chamam a atenção as mais de mil fotos enviadas pelas leitoras dos seus seios após execução dos procedimentos, apresentadas sob a rubrica *Fotos Reais*¹³. Boa parte das imagens faz um comparativo entre o colo antes e depois da intervenção e permite uma análise minuciosa da incisão feita e da

¹¹ Disponível em: <https://www.meuslindosepagos.com/>

¹² Disponível em: <https://www.meuslindosepagos.com/quem-e-fran/>

¹³ Disponível em: <https://www.meuslindosepagos.com/fotos-reais/>

marca do silicone implantado, o que reforça o esquadramento do corpo feminino em um nível extremamente minucioso, submetendo-o a uma qualificação e desqualificação constantes para obter o tamanho perfeito, o contorno perfeito, a cicatriz perfeita. Tudo isso com a devida chancela da comunidade, que avalia o procedimento como bem ou malsucedido conforme ele é escrutinado pelas participantes, endossando a lógica da exposição/visibilidade como critério de atestação da beleza e da saúde.

Tal aspecto também dialoga, simultaneamente, com o reforço da distinção e da individualidade de um lado e, do outro, com a vinculação do sujeito a um conjunto, a um coletivo ao qual ele pode ser comparado, configurando uma intersecção entre duas lógicas aparentemente contraditórias, mas que coexistem na contemporaneidade: o individualismo extremo e a coletivização da vida privada como se verifica cotidianamente nas redes sociais digitais.

Tal processo de hipersexualização e de (re)produção de modelos femininos exemplares junto à coletividade, bem como as suas reverberações sobre os modos de subjetivação das mulheres, também foi discutido por Butler (2019a) em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Nele, a autora reflete sobre os discursos e práticas que produzem e buscam legitimar uma suposta essência do que seria “ser mulher” amparada em um discurso que entende a estrutura binária feminino-masculino como algo natural, dado desde o nascimento, e que estabelece a heterossexualidade compulsória como a forma-padrão de vivenciar o desejo e a sexualidade.

Tomando como base o pensamento de Foucault (2018a) de que a sexualidade é um dispositivo histórico que não deve ser entendido como um dado da natureza, mas sim como uma série de encadeamentos entre saber e poder que produzem as categorias do sexo ao passo em que as designam como centrais para a definição da identidade dos indivíduos, Butler (2019a) propõe uma forma de analisar a constituição do gênero e da sexualidade inspirada nas artes performativas, nos jogos de cena que se materializam quando damos um relato de nós mesmos a um público, seja a um “outro” específico ou à comunidade na qual estamos inseridos.

Nesse contexto, a filósofa lança mão do conceito de *performatividade*, que está relacionado à constituição de si mesmo – e de suas expressões de gênero e sexualidade – a partir de uma repetição sistemática de atos que “é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2019a, p.

242). Butler está mais uma vez pensando em como alguém fornece um relato de si mesmo estando em uma ligação perene – e nem sempre pacífica – com as normas que ditam os quadros de inteligibilidade que o sustentam. Em outras palavras, ela reflete sobre como nos constituímos enquanto sujeitos nesse relacionamento vivo e tenso entre individualidade e codependência, entre pessoal e coletivo, como discutimos acima.

No que se refere ao gênero, esse “cabo de guerra” permite perceber dois pontos importantes: i) que o que entendemos como identidades de gênero não são construções apenas individuais, mas fundamentalmente sociais, haja vista que não existe um “fora” das normas e das convenções de gênero que balizam essas identidades e ii) que, por seu caráter público e histórico, construído em um determinado recorte espaço-temporal, o gênero não é imutável e coerente como somos frequentemente levados a pensar, mas que ele se constitui, se reafirma ou se desloca conforme os atores se apresentam diante de determinada plateia social (Butler, 2019a).

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade social* constituída (BUTLER, 2019a, p. 252, grifos da autora).

Articulando essa compreensão à atuação dos dispositivos de saúde e estética como estruturas de saber e poder que regulamentam os corpos, os gestos e as experiências de gênero e de sexualidade das mulheres, percebemos que eles também se constituem no tempo, na e pela história, e nas formas como as mulheres *repetem* comportamentos culturalmente associados a elas e aos modelos canônicos da feminilidade presentes na contemporaneidade. Nos relatos anteriormente abordados de mulheres que agem impulsionadas por padrões estéticos historicamente legitimados e ratificados por imagens e narrativas midiáticas, nota-se uma busca não somente por adequar-se a esses parâmetros, mas também por tornar essa adequação patente, socialmente reconhecida pelos seus pares. Em outras palavras, não basta ser linda, é preciso mostrar-se reiteradamente linda para a comunidade de que faz parte.

Esses relatos que estabelecem padrões estéticos e de saúde extremamente elevados como os paradigmas a serem seguidos pelas mulheres disputam espaço nas mídias com narrativas que expõem, como abordado na tese de Di Santis (2017),

episódios de mulheres que faleceram ou apresentaram diversos problemas de saúde em decorrência de procedimentos estéticos. Um exemplo disso é o caso da modelo Mayara Silva, que faleceu aos 24 anos após um procedimento nos glúteos, e teve sua história contada em 2018 pelo portal UOL.

Assim como nas notícias sobre o falecimento de Lilian Calixto citadas no início do artigo, percebe-se uma grande ênfase na beleza, na juventude e na vaidade da vítima, reforçando o que Butler (2019a) chamou de “ficções de gênero”, fabulações que constroem e endossam determinadas crenças sobre uma suposta “essência feminina” que dita os comportamentos esperados das mulheres em torno de sua aparência e de suas relações com seus corpos. Tais ficções fazem circular a ideia de que as mulheres estão dispostas a se submeter a todo tipo de intervenção para garantir o rosto e o corpo perfeitos, como se essa busca fosse uma característica inerente ao gênero feminino, quase um desejo compulsório a ser alimentado pelas mulheres. Paralelamente a esse discurso reiterado de que as mulheres são “naturalmente” vaidosas e preocupadas com o aperfeiçoamento contínuo de sua aparência, emergem narrativas que culpabilizam, ainda que indiretamente, as vítimas das intervenções estéticas por serem “vaidosas demais”, por supostamente se colocarem em uma situação de risco em nome da beleza.

Esse fenômeno pode ser verificado, por exemplo, em uma declaração de Gisele Matheus, prima de Mayara, à reportagem do UOL (2018, s/p¹⁴): “‘Além de muito bonita e batalhadora, ela era muito vaidosa. A vaidade fez com que ela fosse vítima desse incidente’, declarou Gisele à reportagem. Segundo ela, Mayara sempre quis ter o corpo perfeito. ‘Foi uma obsessão que virou uma fatalidade’”.

Um relato parecido é encontrado em uma matéria do Diário de Pernambuco sobre a morte de Fabiana Bezerra, de 35 anos, em decorrência de uma abdominoplastia e uma cirurgia de lipoescultura. Nesse caso, a vaidade e a “obstinação” da mulher em fazer a operação aparecem como elementos que contribuíram para a realização do procedimento que levou a vítima à morte:

Vaidosa, Fabiana tinha planos para o aniversário, em julho, e chegou a comprar passagens para passar o réveillon de 2019 com a família e as amigas em Fortaleza (CE). ‘Era um sonho dela fazer essa cirurgia, mas eu não queria. Dizia que não precisava, que não tinha necessidade, mas ela colocou isso na cabeça e eu não consegui fazê-la

¹⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/07/25/modelo-morreu-apos-cirurgia-estetica-em-quarto-de-hotel-afirma-delegado.htm>

desistir. Com meu aval, ou não, ela ia fazer’, contou o marido (DIARIO DE PERNAMBUCO, 2019, s/p¹⁵).

Paralelamente à culpabilização das mulheres pelo que sofreram, outro aspecto que chama a atenção nessas coberturas midiáticas sobre o assunto é a menção recorrente à beleza e à juventude das vítimas, o que remonta ao propósito de construir a imagem da mulher ideal, cuja vida teria “mais valor” do que a de uma mulher que não atende aos ideais de beleza e juventude que permeiam a nossa cultura. Como já dito, esses olhares sobre as mulheres concorrem para a (re)produção de lógicas opressoras sobre a saúde e a beleza femininas, que frequentemente giram em torno dos enquadramentos sexuais, médico-científicos e familiares/relacionais, conforme proposto por Foucault (2018a) ao discutir a histerização do corpo das mulheres, em curso há mais de três séculos.

É importante destacar que essas chaves não são mutuamente excludentes nem agem de forma isolada: de maneira geral, os discursos que nelas circulam afetam as mulheres conjunta e simultaneamente, formando redes discursivas que reforçam modelos e táticas de poder e controle sobre corpos e condutas.

Considerações Finais

Neste artigo, buscou-se compreender os acionamentos discursivos que são mobilizados em narrativas midiáticas que envolvem temas como saúde, beleza e procedimentos estéticos na contemporaneidade. Para isso, mobilizamos, primeiramente, os conceitos foucaultianos de dispositivo, de biopoder (que acomoda tecnologias disciplinares e biopolíticas) e de tecnologias do sexo para pensar sobre como os dispositivos de saúde e estética são discursivamente constituídos e postos em circulação tendo as mulheres como seus alvos estratégicos. Mais adiante, buscamos refletir sobre a construção sócio-histórica e performativa do gênero, à luz de Butler (2019a; 2019b), para entender, de forma mais específica, como as mulheres se constituem enquanto tal ao mesmo tempo em que se relacionam com normas extremamente rígidas do que deve ser entendido como “feminino”, belo e “apropriado” dentro dos quadros de inteligibilidade que conferem reconhecimento às nossas subjetividades.

Na linha de frente dos procedimentos de seleção e exclusão dos indivíduos na sociedade contemporânea estão os dispositivos da saúde e da beleza, que instauram os

¹⁵ Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2019/03/marido-de-paciente-que-morreu-apos-lipoescultura-cobra-explicacoes.html>

padrões e valores que guiam a nossa sociedade e estabelecem as hierarquias entre os indivíduos. Nessa sociedade, o sentido da existência é direcionado ao corpo, à matéria que se pode ver, analisar e comparar à exaustão, até que se encontre o exemplar perfeito, o modelo canônico a ser seguido.

No caso do nosso estudo, que visava entender a partir da leitura e análise de alguns textos midiáticos, quais assimetrias a excelência da técnica pode produzir sobre os corpos e a experiência das mulheres, percebemos que, de forma geral, a mídia parece reiterar fórmulas narrativas e maneiras de enquadrar os acontecimentos no tempo, no espaço e em termos de personagens, retratando-os a partir das mesmas chaves: *beleza*, *juventude*, *vaidade*. Não por acaso, essas chaves reforçam o imaginário coletivo sobre a mulher ideal, que é cada vez mais bonita, saudável e “perfeita”, elevando as expectativas e as regulações que incidem sobre as mulheres no nosso tempo.

Referências bibliográficas

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

_____. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CAMBRICOLI, F. Pesquisa revela que 17 mil pessoas tiveram sequelas após uso do metacril. *O Estado de S. Paulo*. 19 dez 2016. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral/pesquisa-revela-que-17-mil-pessoas-tiveram-sequelas-apos-uso-do-metacril,10000095386> Acesso em 20 mar 2020.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DE SÃO PAULO; SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA; SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. Nota de agravo. Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo [Site]. 27 jul 2018. Disponível em: <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Noticias&id=5174> Acesso em 20 set 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO . Recife, 09 mar 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2019/03/marido-de-paciente-que-morreu-apos-lipoescultura-cobra-explicacoes.html> Acesso em 28 set 2020.

DI SANTIS, E. P. Mortes relacionadas à lipoaspiração no Brasil entre 1987 e 2015. 2017. 215 f. **Tese** (Doutorado em Ciências) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

FOLHA DE S. PAULO. Com má fama, PMMA não deveria ser usado para fins estéticos, dizem médicos. 17 jul 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2018/07/barato-e-com-ma-fama-pmma-nao-deveria-ser-usado-para-fins-esteticos.shtml> Acesso em 21 set 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: A vontade de saber. Vol. 1. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b.

INTERNACIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY. ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic: Procedures performed in 2015. *Internacional society of aesthetic plastic surgery*. 2017. Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2017/10/2016-ISAPS-Results-1.pdf> Acesso em 24 set 2020.

LANG, M. Modelo que morreu teria feito cirurgia estética em quarto de hotel, afirma delegado. UOL. 25 jul. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/07/25/modelo-morreu-apos-cirurgia-estetica-em-quarto-de-hotel-afirma-delegado.htm> Acesso em: 28 set 2020.

LE MOS, V. Doutor Bumbum: parentes contam como foram as últimas horas de bancária que morreu após procedimento estético. *BBC*. 19 jul 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44870203> Acesso em 29 set 2020.

MARTINHO, A. Andressa Urach ficará cerca de dois anos com bumbum assimétrico, diz médico. Folha de S. Paulo. 01 mar 2015. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2015/03/1596739-andressa-urach-ficara-cerca-de-dois-anos-com-bumbum-assimetrico-diz-medico.shtml> Acesso em 22 set 2020.

MEUS, LINDOS E PAGOS. Blog. 2020. Disponível em: <https://www.meuslindosepagos.com/> Acesso em 28 set 2020.

SFEZ, L. **A saúde perfeita**: crítica de uma nova utopia. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. **Censo 2016 – Situação da Cirurgia Plástica no Brasil**: Análise comparativa das pesquisas 2014 e 2016. 2017. Disponível em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/wp-content/uploads/2017/12/CENSO-2017.pdf> Acesso em 20 set 2020.

_____. **Censo 2018**: Análise comparativa das pesquisas 2014, 2016 e 2018. 2018. Disponível em: http://www2.cirurgioplastica.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Apresentac%CC%A7a%CC%83o-Censo-2018_V3.pdf Acesso em 20 set 2020.

WOLF, N. **The Beauty Myth**: How images of beauty are used against women. Nova York: Harper Perennial, 2002. Kindle Edition.